

RELAÇÕES ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO E A CIÊNCIA DA HISTÓRIA

Claudiana Nair Pothin NARZETTI¹

■ **RESUMO:** O presente trabalho pretende analisar o modo como a Análise do discurso derivada de Michel Pêcheux se relacionava com uma das regiões do conhecimento que estão na sua base – o marxismo ou a ciência da história. O nosso ponto de partida é expor o modo como o próprio Pêcheux via essa relação da AD com a referida ciência, no período de elaboração e maturação da disciplina (anos 69 a 75). Para isso, primeiramente, mostramos o sentido amplo que Pêcheux, na linha do grupo althusseriano, atribuía à expressão “ciência da história”. Mostramos, em seguida, que o projeto pecheutiano de desenvolver a teoria e a análise do discurso se entroncava no projeto althusseriano de desenvolver uma teoria das ideologias. Consideramos a reconstrução do modo como Pêcheux entendia a relação entre a AD e a ciência da história importante, porque a expressão “ciência da história” tem um sentido especial que é frequentemente ignorado e, por isso, tem conduzido à interpretação apressada que define a AD como uma “disciplina de entremeio”, situada entre a ciência da história, a Lingüística e a Psicanálise, interpretação essa que Pêcheux recusava explicitamente.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso. Michel Pêcheux. Ciência da história. Ideologia.

Introdução

A Análise do Discurso (AD) elaborada na França, no final da década de 60, por Michel Pêcheux e um grupo de intelectuais de diversas áreas é um campo do

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da UNESP – CAR. Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – CAR. UNESP. Cep: 14801450. Araraquara, SP, Brasil; cn.narzetti@uol.com.br.

saber marcado por características bem particulares.

Em primeiro lugar, é resultante da articulação de três regiões do conhecimento científico – a lingüística, o marxismo e a psicanálise. Segundo Pêcheux e Fuchs (1997, p.163-4), a análise do discurso resulta da:

[...] articulação de três regiões do conhecimento científico: 1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. [...] estas três regiões do conhecimento são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).

Essa particularidade da AD nem sempre se apresentou como uma coisa fácil de se lidar nem resultou sempre em vantagens. Por um lado, a articulação dessas ciências trouxe problemas de ordem teórica e metodológica, os quais exigiram e direcionaram a reconstrução de alguns conceitos e de alguns procedimentos de análise dos textos. Por outro, a própria articulação dessas ciências foi objeto de ceticismo e desconfiança, em função da falta de prestígio que tinham, nos meios universitários, o marxismo e a psicanálise. De acordo com o que observam Pêcheux e Fuchs (1997, p.165):

[...] tudo concorre para tornar mais difícil a articulação teórica entre estas regiões. Além de esta articulação parecer a alguns de gosto teórico duvidoso, subsiste o fato de que, mesmo com a melhor vontade teórica e política do mundo, é difícil levantar os obstáculos organizacionais e epistemológicos ligados à balcanização dos conhecimentos e sobretudo ao recalçamento-mascaramento universitário do materialismo histórico.

Em segundo lugar, a AD surgiu desvinculada de qualquer departamento universitário e, como afirma Guilhaumou (2005), “às margens das disciplinas”. Pêcheux, seu idealizador, foi um filósofo que não pertencia a nenhuma universidade, tendo elaborado a disciplina com objetivos e propósitos bem definidos juntamente com a contribuição de lingüistas, historiadores, matemáticos e psicólogos, numa perspectiva de trabalho em conjunto desvinculado de qualquer instituição.

Devido a esse modo bem particular em que surgiu no contexto francês, a AD, depois de instituída e institucionalizada no Brasil, ganhou por aqui uma interpretação

sobre seu status epistemológico que logo se tornou consensual – a de que ela é uma “disciplina de entremeio”. Essa interpretação, parece-nos, é embasada na mesma passagem de Pêcheux e Fuchs (1997) que apresentamos na abertura deste texto. Segundo essa interpretação, a AD, apesar de ter resultado da articulação de três regiões do saber – marxismo, lingüística e psicanálise – constitui uma disciplina autônoma, não pertencendo a nenhuma dessas regiões.

Disso, concluiríamos que a AD não faz parte nem da lingüística, nem da psicanálise, nem do marxismo, o que entraria em contradição com o seu pertencimento hoje à lingüística, o que é amplamente aceito². Se levarmos adiante essa interpretação, diríamos, mais radicalmente, que a AD, localizando-se no “entremeio”, não se localiza no interior de nenhuma disciplina constituída, nem em lugar nenhum.

O objetivo de nossa reflexão neste texto é, entretanto, sabêr se essa interpretação condiz com o modo como o próprio elaborador da AD, Michel Pêcheux, interpretava-a. Queremos saber onde ele a localiza epistemologicamente: se ele a considerava uma disciplina autônoma ou se a incluía numa das regiões do conhecimento que contribuíram para a sua elaboração e, se for esse o caso, em qual delas a incluía e de que modo. Para tanto, passaremos pela análise do projeto teórico de Pêcheux. Acreditamos que, sem levar em consideração o projeto teórico que ele conduzia, seus objetivos teóricos e práticos, fica difícil entender e compreender, de modo mais amplo, o que era, para ele, a AD.

Com relação a isso, o nosso argumento é que, segundo o que explica Pêcheux em vários de seus textos³, a AD era pensada por ele como uma região do conhecimento que pertenceria naturalmente à ciência da história (ou Materialismo Histórico) e no interior dela se constituiria. A AD é parte de um projeto teórico mais amplo do filósofo, o qual se encontrava, até as últimas conseqüências, relacionado ao marxismo.

Sendo assim, o que abordaremos aqui é o modo como Pêcheux concebia as relações entre a análise do discurso e a ciência da história, no período de formação de seu projeto teórico. Entretanto, antes de fazê-lo, teremos que esclarecer

² É claro que hoje, no Brasil, a AD se institucionalizou e foi abarcada pelos departamentos de Lingüística das universidades. Seu *status* institucional é indubitável e inquestionável – a AD hoje é uma área da Lingüística. O problema é saber se esse lugar institucional corresponde ao lugar epistemológico que Pêcheux lhe atribuía em seu projeto teórico.

³ Dentre eles, *Análise Automática do Discurso* (PÊCHEUX, 1997). “Análise Automática do Discurso – atualização e perspectivas” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997). *Semântica e discurso* (PÊCHEUX, 1988). Citaremos e comentaremos as passagens no momento oportuno.

o que ele entendia por “ciência da história”. Este esclarecimento é fundamental uma vez que, em nossa opinião, o grande problema da maioria das interpretações propostas sobre o tema reside numa incompreensão do significado dessa expressão nos textos pecheutianos.

A ciência da história ou Materialismo Histórico

Para compreendermos a concepção que Pêcheux tinha sobre a ciência da história, é necessário fazermos menção a Althusser. Este era um filósofo marxista encarregado da formação de novos filósofos na Escola Normal Superior, o qual, devido à grande importância teórica e política que exerceu, acabou formando um grupo de discípulos que logo se envolveu na execução de seus projetos. Pêcheux era um desses discípulos, passando a ser membro do grupo desde sua entrada na ENS, em 1963.

A importância de Althusser para Pêcheux foi tão grande que podemos dizer que, na sua trajetória intelectual, ele é mesmo a personagem-chave. Segundo Denise Maldidier (2003, p.18): “Se fosse necessário, nesses anos de aprendizagem, designar um nome, um pólo, eu não hesitaria: Althusser é, para Michel Pêcheux, aquele que faz brotar aagulha teórica, o que faz nascer os projetos de longo curso.”

O grande feito de Althusser e seu grupo foi a releitura das obras de Marx, da qual resultou uma série de novas concepções sobre o marxismo, a epistemologia, as ciências sociais, que, por sua vez, vieram acompanhadas de uma série de “tarefas” a serem cumpridas no domínio da teoria marxista.

Sendo assim, para compreendermos a relação da análise do discurso proposta por Pêcheux com a ciência da história, é imprescindível fazermos referência às concepções teóricas do grupo althusseriano e às “tarefas” assumidas por ele.

A leitura que Althusser realiza das obras de Marx se insere nas preocupações comuns de toda uma geração de intelectuais marcada pela conjuntura teórica dos anos 60, que sentiu a necessidade de reler alguns clássicos dos séculos XIX e XX – Marx, Nietzsche e Freud, principalmente. Ele havia se incumbido da tarefa de “[...] redescobrir Marx por trás do marxismo institucional e contra ele.” (DELACAMPAGNE, 1997, p.219), por meio da releitura dos textos do próprio Marx, principalmente da obra que, em sua concepção, era a mais importante por conter a teoria científica de Marx, *O Capital*. Tal redescoberta se justificava pela necessidade de desenvolvimento teórico do marxismo, o qual estava há algum tempo estagnado.

Esse marxismo institucional era o marxismo dogmático, reinante entre os marxistas até então, para o qual a prática teórica marxista se limitava a repetir e recitar os textos de Marx. Althusser defendia, contrariamente a essa postura, que era necessário desenvolver a teoria marxista, que, sendo verdadeiramente uma ciência, tinha sua possibilidade de sobrevivência condicionada pelo seu desenvolvimento teórico. Segundo Althusser (1979a, p.39), “[...] uma ciência que se repete, sem descobrir nada é uma ciência morta [...], é um dogma fixo.” Desse modo, seus trabalhos teóricos foram todos direcionados ao desenvolvimento científico do marxismo.

A releitura althusseriana das obras de Marx identifica na teoria marxista a existência de duas disciplinas distintas, a ciência da história ou Materialismo Histórico e a filosofia marxista ou Materialismo Dialético, ambas fundadas por Marx e unidas uma a outra por razões históricas e teóricas. A elaboração das “pedras angulares” dessas duas disciplinas representava, segundo Althusser, “a dupla revolução teórica de Marx”. Uma das tarefas da releitura proposta pelo filósofo francês é apontar em que condições as duas disciplinas puderam ser fundadas e as especificidades de cada uma delas.

Vejamos como Althusser (1980, p.157, grifo do autor) interpretava a constituição dessas duas disciplinas:

Marx fundou uma ciência nova: a ciência da história. [...]. As ciências que nós conhecemos estão instaladas em alguns grandes “continentes”. Antes de Marx estavam abertos ao conhecimento científico dois continentes: o continente-Matemática e o continente-Física. O primeiro pelos gregos (Thales) e o segundo por Galileu. Marx descortinou para o conhecimento científico um terceiro continente: o continente-História. A abertura desse novo continente provocou uma revolução na filosofia. Isso é uma lei: a filosofia está sempre ligada às ciências. A filosofia nasce (com Platão) com a abertura do continente-Matemática. Foi transformada (com Descartes) pela abertura do continente-Física. Está hoje revolucionada pela abertura do continente-História por Marx. Esta revolução denomina-se materialismo dialético.

Mais do que a afirmativa de que Marx fundou as duas disciplinas (o MH e o MD) o importante, para nós, nessa passagem, é o modo como Althusser entende a ciência da história. Não se trata, como se pode perceber, da disciplina acadêmica que se institucionalizou nos Departamentos de História. A expressão “ciência da história” diz respeito a um “continente científico”. A seguinte passagem de Marta Harnecker, discípula do filósofo e uma de suas maiores divulgadoras na América

Latina, pode explicar melhor o modo como ele entendia esse continente:

Se considerarmos os grandes descobrimentos científicos da história humana, poderíamos imaginar as diferentes ciências como formações regionais de grandes “continentes” teóricos. Poderíamos, assim, afirmar que antes de Marx haviam sido descobertos apenas dois grandes continentes: o continente Matemática pelos gregos [...] e o continente Física por Galileu e seus sucessores. Uma ciência como a Química, fundada por Lavoisier, é uma ciência regional do continente Física. Uma ciência como a Biologia, ao integrar-se à química molecular, entra também neste mesmo continente. A lógica em sua forma moderna entra no continente Matemática (HARNECKER, 1981, p.15, grifo do autor).

Assim, para Althusser, todas as ciências existentes se localizam no interior de continentes científicos e se caracterizam como suas regiões. O materialismo histórico ou “ciência da história” era um desses continentes. Assim como a biologia e a química eram entendidas como regiões do continente da física, as ditas “ciências sociais”, uma vez alcançada a condição de ciências, pertenceriam ao continente da história. Os continentes científicos existentes no momento eram três – a física, a matemática e a história, sendo este último fundado por Marx. Disso decorre que, para Althusser, Marx não se limitou a elaborar uma teoria econômica. Ele fundou, com um corte epistemológico, a ciência da história, no interior da qual se constituiria uma teoria do nível econômico. Mais explicitamente, ele elaborou conceitos novos que permitiram o estudo científico das formações sociais e de suas transformações em todos os seus níveis estruturais (econômico, jurídico-político e ideológico): “A ciência fundada por Marx muda toda a situação no domínio teórico. Ela é uma ciência nova: ciência da história. Permite então, pela primeira vez no mundo, o conhecimento da estrutura das formações sociais e de sua história” (ALTHUSSER, 1980, p.160).

É importante insistir sobre esse ponto: o que Althusser chama de continentes científicos e de ciências regionais não corresponde ao modo como as universidades compartimentalizaram e institucionalizaram os saberes. A ciência da história não corresponde à história ensinada nas universidades pelos departamentos de história. É uma outra forma de ver e compreender as ciências e, em particular, as ciências humanas e sociais, a do grupo althusseriano do qual participava Pêcheux.

Mas isso não é tudo. A respeito das duas disciplinas de que está composta

a teoria marxista, ciência e filosofia, Althusser percebe que o grau de desenvolvimento delas não era igual. A ciência foi amplamente desenvolvida e exposta por Marx na obra *O Capital*. Já a filosofia não gozava da mesma situação, pois Marx não tivera tempo de desenvolvê-la. Apesar de não estar elaborada teoricamente, essa filosofia existia em estado prático e era, principalmente, em *O Capital* que se poderia apreendê-la. Segundo Althusser (1979c, p.151, grifo autor), “[...] nas obras teóricas de Marx e, no *Capital* etc... sim, aí, encontramos [a dialética marxista], em estado prático, o que decerto é fundamental, mas *não em estado teórico*”.

Além disso, os objetos com que lidam essas disciplinas não são iguais: a ciência da história ou materialismo histórico (MH) tem seu objeto próprio e a filosofia ou materialismo dialético (MD) possui, na verdade, tarefas a serem executadas. Definir o que é parte de cada uma das disciplinas é mais uma forma de esclarecer e precisar o sentido que os althusserianos davam à expressão “ciência da história”. Então vejamos.

A ciência da história ou MH tem por objeto “ [...] os modos de produção que surgiram e que surgirão na história. Estuda a sua estrutura, a sua constituição e as formas de transição de um modo de produção para outro” (ALTHUSSER, 1979b, p.34).

Uma formação social (ou modo de produção) se caracteriza por ser uma totalidade orgânica, constituída de um conjunto de três instâncias – 1. a infra-estrutura econômica; 2. a superestrutura jurídico-política; 3. a superestrutura ideológica. Elas são articuladas entre si, mas possuem uma autonomia relativa umas em relação às outras, ainda que a infra-estrutura econômica seja determinante em última instância. Althusser caracteriza a superestrutura ideológica como uma instância composta de regiões, como a política, o direito, a arte, a religião, a filosofia.

Sendo assim, a ciência da história é a teoria dessa estrutura, do conjunto de suas instâncias e do tipo de articulação e de determinação que as une entre si. Cada uma delas, tendo essa autonomia relativa, pode ser considerada como “um todo parcial”, uma estrutura regional, podendo ser objeto de um tratamento científico relativamente independente. Assim, há a possibilidade de uma teoria da história das diferentes instâncias: uma teoria da história da economia, da política, do direito, da filosofia, da arte, das ciências, ou seja, todas as regiões que constituem as três instâncias.

Althusser explica que, em *O Capital*, Marx forneceu uma análise científica do nível econômico do modo de produção capitalista. Ou seja, ele forneceu a análise de apenas um dos níveis desse modo de produção, não fornecendo a

teoria dos outros níveis; nem de outros modos de produção; nem mesmo uma teoria das formas de transição de um modo de produção a outro. Em sua obra só se encontravam esboços desses assuntos e, por isso, uma imensa tarefa restava por ser feita.

Entretanto, nessa obra, encontram-se elementos teóricos suficientes para a elaboração da teoria das superestruturas do modo de produção capitalista, bem como outros elementos que possibilitam elaborar teorias de outros modos de produção existentes e de suas instâncias:

Os conceitos teóricos que permitiram elaborar a teoria da 'região' econômica do capitalismo, uma vez extraídos e enunciados, apresentam-se a nós como princípios teóricos gerais que permitem colocar o problema da natureza das outras 'regiões', isto é, criar a teoria das superestruturas (ALTHUSSER, 1979b, p.38).

A incompletude da teoria marxista, no domínio do MH, abre um verdadeiro programa de pesquisas para o grupo althusseriano e a presença dos elementos teóricos necessários abre a possibilidade de realizá-las. Sendo assim, era tarefa dos intelectuais marxistas desenvolver tudo o que Marx não pôde: as teorias das suas superestruturas e as teorias regionais dos elementos presentes nelas (em relação ao modo de produção capitalista); as teorias dos outros modos de produção existentes ou que já existiram; as teorias da transição de um modo de produção a outro.

Além disso, o marxismo enquanto ciência devia ser “[...] o domínio teórico de uma pesquisa fundamental, indispensável ao desenvolvimento não somente da ciência das sociedades e das diversas ‘ciências humanas’, mas também das ciências da natureza e da filosofia” (ALTHUSSER, 1979c, p.16, grifo autor).

Acontece que, na conjuntura teórica dos anos 60, as ciências que se ocupavam dos estudos relativos ao homem e à sociedade eram as ciências sociais. Por causa disso, os althusserianos consideravam que todas as ciências humanas e sociais existentes pertenceriam, de direito, à ciência da história, ao continente história aberto por Marx. Essa situação representava para eles um desafio, porque em sua ótica, essas ciências, devido a questões epistemológicas particulares, não passavam de ideologias teóricas (e, portanto, de saberes não científicos) e era necessário interferir no campo dessas ciências e levá-las a operarem o corte epistemológico que as tornaria, enfim, ciências.

Como dissemos anteriormente, o marxismo é constituído também por uma filosofia e pode ser definida, segundo Althusser (1979b, p.43), como uma

“história da produção de conhecimentos enquanto conhecimentos” e abrange, por exemplo, a diferença histórica entre ciência e ideologia, a teoria da história (leia-se marxista) da cientificidade. Poderíamos dizer que a filosofia marxista é concebida por Althusser e seu grupo como uma espécie de epistemologia que leva em conta a história das ciências.

O grande problema dessa filosofia é que se encontra num estado de atraso em relação à ciência da história, cuja fundação foi condição para o seu próprio aparecimento e necessita do merecido desenvolvimento. Demonstrando essa situação, argumentava o filósofo: “É necessário para nós continuar a obra de Marx e terminar o que ele não pôde, extraindo rigorosamente todas as conclusões da obra que nos foi legada [...]”, pois “[...] a filosofia marxista está em seus começos. Seus progressos dependem de nós.” (ALTHUSSER, 1979b, p.48).

Por causa disso, também no domínio da filosofia materialista havia um grande programa de pesquisas a ser realizado pelos pensadores marxistas. A definição da especificidade das diferentes práticas e principalmente da prática teórica; da diferença entre ciência e ideologia; do processo de produção de conhecimentos precisava ser produzida.

Como vemos, uma teoria sobre as ideologias é parte tanto da ciência da história quanto da filosofia, mas sob perspectivas distintas e bem definidas, pois a ideologia é não só uma instância da formação social, mas também uma forma de representação do mundo diferente da do conhecimento científico. Era necessário, então, construir uma teoria da ideologia enquanto instância da formação social e enquanto conjunto de representações distintas do conhecimento científico.

Apesar de pertencer aos domínios da ciência e da filosofia e de sua importância central no desenvolvimento da teoria marxista, a teoria geral da ideologia e das ideologias particulares estava muito pouco desenvolvida.

Creemos que é a partir desse ponto que podemos situar o projeto teórico de Pêcheux e ver qual a relação da análise do discurso com a ciência da história. Vemos o filósofo, em seus estudos iniciais, envolvido com as reflexões sobre as ciências humanas e com a elaboração de uma teoria das ideologias: assinando com o pseudônimo Thomas Herbert, ele publicou, em 1966, *Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais, especialmente da psicologia social*⁴ e em 1967, *Observações para uma teoria geral das ideologia*⁵. Assinando já Michel Pêcheux ele publicou a obra *Análise*

⁴ Cf. HERBERT, 1973.

⁵ Cf. HERBERT, 1995.

*Automática do Discurso*⁶, em 1969, que foi seguida de outras obras e textos sobre o discurso. É possível notar nesse percurso uma continuidade com o projeto althusseriano. Tentaremos mostrá-lo em seguida, se ainda houver paciência da parte do leitor após essas cansativas considerações preparatórias.

Relação da AD com a ciência da história

Como dissemos anteriormente, a formação social (objeto de estudo do MH) tem uma estrutura que possui, como partes constituintes, uma infraestrutura econômica, uma superestrutura jurídico-política e uma superestrutura ideológica. Essas partes são também chamadas de níveis ou instâncias da formação social. Diante da falta de teorias específicas sobre as superestruturas (Marx havia deixado apenas a teoria da infra-estrutura), Althusser defendia que era necessário desenvolver a teoria delas e, principalmente, da ideológica.

A superestrutura ideológica, por sua vez, não era um todo homogêneo. Ao contrário, ela era composta de regiões, como a política, a religiosa, a estética, as quais se caracterizavam ainda em função de suas tendências de classe. Mas como havia sobre isso apenas esboços teóricos, era necessário elaborar uma teoria geral da ideologia e teorias das ideologias particulares. As características gerais da ideologia estariam presentes em todas as particulares, as quais teriam, por sua vez, traços específicos.

A elaboração dessa teoria era tão fundamental para o desenvolvimento teórico do marxismo (ciência e filosofia) e para a luta de classes, que é a esse projeto que Althusser se dedicou durante muito tempo. A sua teoria da ideologia, bem como o todo o seu pensamento, adquiriu grande prestígio e, além de influenciar outros filósofos, seduziu alguns de seus discípulos especialmente Michel Pêcheux. É neste sentido que interpretamos a passagem de Malidier, segundo a qual Althusser era para Pêcheux aquele que fazia brotar os projetos de longa duração.

No entanto, poderíamos pensar, à primeira vista, que Pêcheux se dedicou à reflexão sobre a ideologia somente no início de sua carreira, no texto em que, ainda assinando Herbert, trata diretamente do tema, e depois abandonou esse projeto. Mas, na verdade, as principais obras em que desenvolve a teoria e a análise do discurso, *Análise Automática do Discurso*, em 1969⁷ e *Semântica e discurso*⁸, em 1975, são uma contribuição ao

⁶ Cf. PÊCHEUX, 1997.

⁷ Cf. PÊCHEUX, 1997.

⁸ Cf. PÊCHEUX, 1998.

desenvolvimento da teoria das ideologias que vinha sendo construída por Althusser.

Essas obras não se reduzem a elas mesmas e não têm um fim em si próprias, mas fazem parte de um projeto teórico que vinha sendo desenvolvido por Pêcheux desde meados da década de 60. AAD apresentada e desenvolvida nessas obras, pelo tema que aborda e pela intervenção teórica e política que objetivava operar, insere-se completamente na problemática mais ampla da ciência da história e no seu interior se inscreve.

O problema é que não parece muito claro, quando lemos a *AAD-69*, que a AD apresentava-se como parte de uma teoria das ideologias e também como teoria pertencente à ciência da história. Paul Henry (1997, p.13-14, grifo do autor) explica que “[...] os conceitos e as noções-chaves [...], que fazem explicitamente referência ao ‘materialismo histórico’ e à psicanálise, estão quase que completamente ausentes do livro de Pêcheux sobre a análise automática do discurso”. Mas ele adverte que essa omissão fazia parte de “uma estratégia cuidadosamente deliberada” do filósofo.

Apesar disso, explicam Gadet et al (1997, p.50-1), havia um “[...] lugar central atribuído nesse dispositivo [de análise automática do discurso] ao materialismo histórico, que se pode dizer ‘instalado no posto de comando’”. O MH é o “verdadeiro princípio organizador” da AAD-69 e determina o lugar das outras ciências que são chamadas a contribuir com seus conceitos para a construção da teoria do discurso e com seus procedimentos práticos (principalmente no caso da Linguística) para a elaboração do método de análise automática.

E Pêcheux deixa pistas dessa relação, ainda que poucas. Gadet et al (1997) explicam que a referência à ciência da história se deixa notar pelos conceitos de “condições de produção” do discurso, “lugares” ocupados pelos indivíduos, “formação social”, os quais são elaborados por Marx e relidos por Althusser. A referência à ideologia também aparece, mas duas vezes somente e de formas distintas. A primeira é velada, apresentando-se sob a expressão “[...] um nível intermediário entre a singularidade individual e a universalidade”, conforme explica Maldidier (2003, p.33). A segunda é explícita, no entanto aparece em uma nota no final da obra, na qual Pêcheux (1997, p.161, grifo nosso) adverte que “[...] a teoria do discurso não pode de forma alguma substituir uma teoria da ideologia, da mesma forma que não pode substituir uma teoria do inconsciente, mas ela pode ‘intervir’ no campo dessas teorias.”

Essa passagem, cremos, é fundamental para esclarecer que Pêcheux pensava a AD como parte da teoria das ideologias e via nela a possibilidade de intervir no desenvolvimento teórico do marxismo. O lugar que ela ocupou na obra

(uma simples nota) é representativo da estratégia de Pêcheux, a qual não recomendava menções ao MH.

Já mencionamos que Pêcheux tinha uma estratégia na *AAD-69*. É hora de falarmos dela. Sabemos que as ciências sociais, na década de 60, realizavam pesquisas que envolviam necessariamente a linguagem: textos, entrevistas etc. Devido ao fato de a Linguística ter alçado o posto de ciência piloto na área, elas lhe pediam métodos científicos para suas pesquisas e um desses métodos era o de análise de conteúdo. Na *AAD-69* Pêcheux, fazendo uma longa crítica a esses métodos, apresenta um outro (de análise automática do discurso, como o próprio título indica) que se oferecia como uma alternativa a eles. Mas por que Pêcheux acreditava que se deviam substituir os métodos de análise de conteúdo?

O problema desses métodos, segundo as posições de Pêcheux, é que partiam de uma concepção ingênua da linguagem, da leitura e do discurso, a qual abarcava a idéia da transparência do sentido. Pêcheux era francamente contrário a essa concepção e achava que uma pesquisa baseada nela não podia dar um resultado plausível.

O método proposto por ele, ao contrário, estava fundado em bases sólidas. Ele permitia analisar um objeto científico construído, o discurso, e assentava sobre uma teoria capaz de fundamentá-lo. Além disso, partia de uma concepção de linguagem muito mais refinada, ao que parece, muito inspirada em uma passagem de Althusser que o próprio Pêcheux cita. Vejamos:

É a partir de Freud que começamos a suspeitar daquilo que escutar, portanto daquilo que falar (e calar-se) quer dizer; que esse ‘querer dizer’ do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade atribuível de um fundo falso, o ‘querer dizer’ do discurso do inconsciente – esse fundo falso do qual a lingüística moderna, no interior dos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e as condições formais.

(ALTHUSSER apud PÊCHEUX et al., 1997, p.254, grifo do autor).

A nova concepção de discurso de Pêcheux tinha como diferencial o fato de ele estar em profunda relação com a ideologia, tendo seu sentido por ela determinado. Como ele explica, nas pesquisas sociais, não era essencial analisar o conteúdo do que dizia o sujeito, mas os diferentes discursos que este sustentava quando em situações diferentes. Além disso, com seu método, abria-se a possibilidade de “realizar as condições de uma prática de *leitura*, enquanto detecção sistemática dos efeitos de sentido no interior da superfície discursiva” (PÊCHEUX, 1997, p.148,

grifo do autor), sentidos esses que são tidos pelo autor como resultado de posições ideológicas. A elaboração do conceito de discurso e dos demais conceitos que compõem a teoria do discurso, os quais mencionamos mais acima, estão imersos nos pressupostos do marxismo.

Esse projeto de Pêcheux de formular um método de análise do discurso estava ligado às tarefas que Althusser e seu grupo assumiam como necessárias no campo das ciências. Como vimos, os althusserianos pregavam a necessidade de as ciências sociais se tornarem ciências de fato, visto que elas eram ainda saberes não-científicos, não tinham um objeto construído e muitas vezes não passavam de práticas técnicas (que eram muito diferentes das práticas científicas). Uma das formas de isso acontecer é que essas ciências passassem a utilizar instrumentos verdadeiramente científicos. Pêcheux então elaborou esse instrumento científico, isto é, assentado em ciências já constituídas (a ciência da história, a Linguística) para oferecer às ciências sociais, a fim de que elas pudessem dar um primeiro passo rumo à cientificidade.

O objetivo maior de Pêcheux era, entretanto, que elas, ao utilizarem um método sustentado por uma teoria de base marxista, com conceitos marxistas, abrissem-se à problemática do MH e, assim, passassem a figurar no continente científico da história. Desse modo, a AD foi um instrumento elaborado por Pêcheux para intervir no campo das ciências sociais.

É neste sentido que Paul Henry explica que a *AAD-69* deveria surtir o efeito de um “Cavalo de Tróia” ao se introduzir no campo dessas ciências. Segundo ele, Pêcheux “[...] concebeu seu sistema como uma espécie de ‘Cavalo de Tróia’ destinado a ser introduzido nas ciências sociais para provocar uma reviravolta” (HENRY, 1997, p.36). A análise automática do discurso era o método que trazia, escondidos ou disfarçados, os conceitos do marxismo destinados a se infiltrarem e se instalarem de vez nas ciências sociais.

Isso é o que temos na *AAD-69*. No entanto, na obra *Semântica e discurso*, vemos a situação se modificar completamente, com Pêcheux fazendo referências explícitas à ciência da história, aos seus conceitos e às suas problemáticas. Além disso, apontando claramente para o solo epistemológica em que a AD se constituía.

Sabemos que, na *AAD-69*, Pêcheux apresentou pela primeira vez o conceito de discurso que havia construído e a primeira versão de uma teoria do discurso, na qual estava presente o conceito de processo de produção do discurso ou processo discursivo. Em *Semântica e discurso* ele mostra que a perspectiva a partir da qual olha e interpreta os processos discursivos é a da ciência da história e, particularmente, da ideológica. Ele explica que queria “desenvolver as conseqüências de uma posição

materialista – no elemento de uma teoria marxista-leninista da Ideologia e das ideologias – com respeito ao que chamamos de ‘processos discursivos’” (PÊCHEUX, 1988, p.32, grifo nosso).

Os processos discursivos são abordados no interior de uma teoria da ideologia elaborada e desenvolvida segundo os pressupostos da ciência da história (ou MH) e segundo as elaborações teóricas de Althusser.

Em outra passagem de *Semântica e discurso*, Pêcheux explica que a análise científica dos processos discursivos que ele propunha com sua teoria só poderia ser levada adiante “[...] articulando, no *materialismo histórico*, o estudo das superestruturas ideológicas, a teoria psicanalítica e a pesquisa lingüística” (PÊCHEUX, 1988, p.255, grifo do autor). A redação da passagem não deixa dúvidas: a articulação dos conceitos das outras teorias (Psicanálise e Lingüística) se dá no “interior do MH”.

Conforme o que expusemos até o momento, somos levados a crer que o modo como Pêcheux via a relação da AD com a ciência da história (ou MH ou marxismo) era bem diferente daquele como a vêem as interpretações que, com base na passagem de Pêcheux que abre este texto, chegam à conclusão de que ela é uma disciplina de entremeio. Mais uma vez reiteramos: a AD era vista por Pêcheux como parte da ciência da história ou MH, sendo pensada como uma teoria capaz de intervir no domínio de uma teoria das ideologias, ou seja, ela era parte da teoria geral das ideologias, a qual era parte do materialismo histórico ou ciência da história. Era uma relação de parte e todo. Recorremos a outra passagem de *Semântica e discurso*, em que o autor comenta isso:

Os elementos científicos [...] que propomos para a análise desses processos [os processos discursivos] serão designados aqui sob o nome global de ‘Teoria do Discurso’, sem que – vamos repetir – se deva ver nisso a pretensão de fundar uma nova disciplina *entre* a Lingüística e o Materialismo Histórico

(PÊCHEUX, 1988, p.32, grifo nosso).

Como Pêcheux afirma, ele não queria fundar uma teoria *entre* teorias, autônoma e independente delas ou uma disciplina de “entremeio”. A teoria do discurso possuía, para ele, um lugar bem claro e definido: a ciência da história.

Até aqui dissemos que a AD de Pêcheux era vista por ele como parte de uma teoria geral das ideologias, nos moldes das elaborações teóricas de Althusser e, desse modo, estava instalada no interior da ciência da história. Resta agora explicitar por que viés Pêcheux abordou a ideologia e o modo como a AD, no entender dele, era parte dessa teoria.

Althusser explicava que a ideologia, enquanto realidade presente em todas as formações sociais e parte estrutural delas, fazia-se presente dia após dia na vida dos indivíduos, guiando e gerenciando não só seus gestos e comportamentos mais simples, mas também suas posições políticas, éticas e religiosas. No entanto, antes do artigo *Aparelhos Ideológicos de Estado*⁹ de 1970, ele ainda não havia explorado o aspecto material de existência e disseminação da ideologia nas formações sociais.

Pêcheux vai, então, abordar esse aspecto material da existência da ideologia pelo viés da linguagem e do conceito de discurso. Conforme Maldidier (2003, p.33), as reflexões de Pêcheux “[...] sobre o discurso o levavam exatamente ao ponto de encontro da língua com a ideologia”. Para mostrarmos como Pêcheux já vinha explicitando a relação discurso e ideologia, recorreremos ao que ele e sua colaboradora Catherine Fuchs dizem no texto “A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas”: o discursivo é “um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a *espécie* discursiva pertence, assim pensamos, ao *gênero* ideológico.” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p.166, grifo do autor). Assim, no discurso é que as ideologias se materializam passando pelo filtro das diversas formações discursivas que elas comportam.

Nesse mesmo texto, Pêcheux e Fuchs (1997, p.164) define a teoria do discurso como “teoria da determinação histórica dos processos semânticos”. Desde algum tempo, ele vinha estudando a questão do sentido e sua relação com a semântica e com a Lingüística. Ele defendia a idéia de que a semântica herdeira de Saussure não poderia dar conta do estudo do sentido, porque, em sua concepção, este não é estritamente lingüístico, mas, sobretudo, histórico. Segundo o filósofo: “a maneira pela qual a semântica ‘tem a ver’ com a Lingüística é a de constituir o ponto em que a autonomia relativa desta última se depara com seus limites” (PÊCHEUX, 1988, p.243). Por esse motivo é que era necessário reconfigurar o campo da semântica e a problemática que ele abrange, “permitindo que os conceitos do materialismo histórico e as categorias do materialismo dialético ‘tomem posição’ junto a essa problemática” (PÊCHEUX, 1988, p.244).

Somente uma nova semântica – a semântica discursiva – poderia fazê-lo e esta pertenceria não à região da Lingüística, mas à da ciência da história.

Como o próprio filósofo explica, esta não pretende resolver a contradição que existe no interior da Lingüística em torno da questão do sentido, ao constituir uma nova tendência, mas pretende “contribuir para o desenvolvimento dessa contradição sobre uma base material no interior do materialismo histórico” (PÊCHEUX, 1988, p.22).

⁹ Cf. ALTHUSSER, 1985.

Conclusão

Ao longo do presente texto, procuramos esclarecer o modo como, nos anos de formação de seu projeto teórico, Pêcheux compreendia as relações da teoria e da análise do discurso com a ciência da história. Para isso, tivemos, primeiramente, de mostrar o sentido amplo que Pêcheux, na linha do grupo althusseriano, atribuía à expressão “ciência da história”. Na medida em que esta é definida como “a ciência das formações sociais e de suas transformações” e na medida em que o conceito de formação social designa o todo social em todas as suas instâncias, qualquer fenômeno social (seja ele econômico, político ou ideológico) cai forçosamente no domínio desta ciência. Como consequência, a ciência da história não é pensada como uma ciência a mais ao lado de outras “ciências sociais”, como a sociologia, a economia ou a psicologia; ela é o “continente” no interior do qual qualquer saber que reivindique para si o status de “ciência social” deverá vir a se inscrever. Mostramos, em seguida, que o projeto pecheutiano de desenvolver a teoria e a análise do discurso se entroncava no projeto althusseriano de desenvolver uma teoria da superestrutura ideológica, por razões ao mesmo tempo teóricas e políticas. Por fim, vimos que Pêcheux dizia explicitamente que as questões que ele propunha não podiam ser resolvidas nem no interior da Linguística nem em uma disciplina (a ser criada) situada entre a Linguística e a ciência da história. Em sua elaboração, a AD que ele desenvolveu articula, sem dúvida, várias disciplinas (uma teoria das superestruturas, a Linguística e a Psicanálise), mas essa articulação, insistiu sempre Pêcheux, ocorria **no interior do materialismo histórico**, isto é, da ciência da história, não no “entremeio” de tais disciplinas.

Consideramos que a reconstrução do modo como Pêcheux entendia a relação entre a AD e a ciência da história é importante por três motivos.

Em primeiro lugar, porque a expressão “ciência da história” tem um sentido especial que é frequentemente ignorado e, por isso, tem conduzido à interpretação apressada que define a AD como uma “disciplina de entremeio”, situada entre a ciência da história, a Linguística e a Psicanálise, interpretação essa que, como vimos, Pêcheux recusava explicitamente e de antemão.

Em segundo lugar, essa reconstrução ganha uma importância especial na presente conjuntura, tendo em vista a não-correspondência entre o lugar epistemológico em que Pêcheux situava a AD (a ciência da história) e o lugar acadêmico em que ela se institucionalizou (os departamentos de Linguística). Essa inscrição institucional acarretou, ao nosso ver, consequências tanto positivas, quanto negativas. Positivamente, ela permitiu que a AD dialogasse com certas abordagens

da linguagem em seu funcionamento (a teoria da enunciação, a pragmática, a lingüística textual, a sociolingüística) que contribuíram para um refinamento dos aspectos lingüísticos da análise do discurso. Negativamente, nota-se (ao menos na França) uma tendência à “gramaticalização” excessiva da AD, cuja contrapartida tem sido uma crescente desatenção com a dimensão histórica do discurso. Entretanto, foi precisamente a ênfase nessa dimensão aquilo que mais propriamente caracterizou a AD pecheutiana, distinguindo-a radicalmente das abordagens que acabamos de mencionar. Assim, no momento em que a dimensão histórica que a caracterizara é negligenciada, a AD corre o risco de perder a sua identidade. Sob esse prisma, voltar a discutir o modo como Pêcheux pensava a relação entre a AD e a ciência da história tem uma importância estratégica para todos aqueles que querem preservar aquilo que entendemos como sendo o traço diferencial da AD: o seu enfoque histórico dos discursos.

Em terceiro lugar, a reconstrução do modo como Pêcheux compreendia a relação entre a AD e a ciência da história é importante porque ela retraça o terreno fecundo onde podem ser travados os diálogos (ou os duelos) entre Pêcheux e outras referências teóricas fundamentais da AD de “linha francesa” – particularmente Foucault e Bakhtin. O que aproxima Pêcheux de Foucault é precisamente a obstinação em pensar o discurso na história, numa relação sempre intrínseca. Isso não significa que o fazem do mesmo modo, haja vista que seus objetivos e seus pressupostos não são coincidentes. Porém é precisamente porque se encontram no terreno dessa relação e com perspectivas diferenciadas, que o diálogo entre suas abordagens pode ser produtivo. E quanto a Bakhtin? Pêcheux, como este, buscava contribuir para uma teoria da superestrutura ideológica, entendendo que o modo de existência da ideologia não é o de uma idealidade fechada na consciência individual; ao contrário, a ideologia tem uma existência material e esta materialidade tem a ver com a linguagem. Porém o modo como eles pensam essa materialidade não é idêntico: para Bakhtin, ela é de natureza semiológica; para, Pêcheux ela é de natureza discursiva. O marxismo, referência comum a ambos, também não é interpretado da mesma maneira: para Pêcheux, ele é antes de tudo, a ciência da história; para Bakhtin, uma espécie de sociologia das interações sociais. De qualquer modo, aqui nos deparamos com um terreno comum em que dois pontos de vista diferentes podem dialogar, duelar e, talvez, fecundar-se reciprocamente.

Um retorno a Pêcheux seria oportuno hoje. Não tanto para denunciar equívocos produzidos por leituras apressadas, muito menos para fechar a AD numa espécie de ortodoxia. Mas para manter abertas vias que ele abriu e que a institucionalização tende a fechar sem ao menos se aventurar a explorá-las. Mas

talvez seja essa mesma a natureza de toda institucionalização de uma experiência: matar o espírito de aventura de seus começos. E esse espírito foi o que animou Pêcheux no período de formação de seu projeto teórico.

NARZETTI, Claudiana Nair Pothin. Relations between discourse analysis and Marxism. *Revista do Gel*, São Paulo, v.4, n. 2, p.23-42, 2007.

■ **ABSTRACT:** *This paper intends to analyze the relation between Michel Pêcheux's discourse analysis and Marxism or history science. Our purpose is to explain how Pêcheux considered this relation at the moment of formation and elaboration of the discipline (1969-1975). We start by indicating that Pêcheux, working according to Althusser's guidelines, used to attribute a deep meaning to the expression "history science". Furthermore, we demonstrate that Pêcheux's project of developing both discourse theory and discourse analysis was linked to Althusser's project of developing a theory of ideologies. We acknowledge the way through which Pêcheux considered this relation between DA and history science intrinsically relevant, as the expression 'history science' has a special meaning which is frequently overlooked by various researches in discourse analysis. This indifference led to the erroneous interpretation that defines DA as a discipline located among Marxism, Linguistics and Psychoanalysis. Pêcheux broadly refused this interpretation.*

■ **KEYWORDS:** *Discourse analysis. Michel Pêcheux. Science of the history. Ideology.*

Referências

ALTHUSSER, L. **La filosofía como arma de la revolución**. 9.ed. Córdoba: Passado y Presente, 1979a.

ALTHUSSER, L. O materialismo histórico e o materialismo dialético. In: ALTHUSSER, L.; BADIOU, A. **Materialismo histórico e materialismo dialético**. São Paulo: Global, 1979b.

ALTHUSSER, L. **A favor de Marx**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979c.

ALTHUSSER, L. A filosofia como arma da revolução. In: _____. **Posições II**. Rio de Janeiro: Graal, 1980. p.152-165.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

DELACAMPAGNE, C. **História da filosofia no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GADET, F. et al. Apresentação da conjuntura em lingüística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997. p.39-60.

GUILHAUMOU, J. Aonde vai a análise do discurso? **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**, Campinas, v.16, p.9-42, 2005.

HARNECKER, M. **Os conceitos elementares do materialismo histórico**. São Paulo: Global, 1981

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso de Michel Pêcheux. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997. p.13-38.

HERBERT, T. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais, especialmente da psicologia social. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.30/31, p.3-36, 1973.

HERBERT, T. Observações para uma teoria geral das ideologias. **Rua**, Campinas, n.1, p.63-89, 1995.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso: AAD-69. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997. p.61-161.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p.163-252.

PÊCHEUX, M. et al. Apresentação da Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 253-282.